

O REALISMO DE HILARY PUTNAM

THE REALISM OF HILARY PUTNAM

Suzana Oliveira de Almeida¹

Resumo: O seguinte artigo tem como objetivo fazer uma abordagem em torno da palestra 1, nomeada “A antinomia da razão”, da obra de Hilary Putnam *Corda tripla: mente, corpo e mundo*, no sentido de compreender a problemática sobre o realismo que o filósofo aborda nesta mesma obra. De início propomos uma breve passagem sobre as fases do realismo do autor, no intuito de melhor nos situarmos em seu texto, na intenção de evitarmos possíveis equívocos em relação a suas ideias, que ao longo de sua vida foram reformuladas. Teremos como principal metodologia a exegese da obra proposta de Putnam e de comentadores que abordam essa temática.

Palavras-chave: Putnam. Realismo. Mundo.

Abstract: The following article aims to make an approach around lecture 1 of the work of Hilary Putnam *The Threefold Cord: mind, body and world*, in the sense of understanding the problematic on the realism that the philosopher approaches in this same work. At first we propose a brief passage on the phases of the realism of the author, in order to better situate ourselves in his text, in order to avoid possible misunderstandings about their ideas, which throughout his life have been reformulated. We will have as main methodology the exegesis of the proposed work of Putnam and of commentators that approach this theme.

Keywords: Putnam. Realism. World.

1. Introdução

As ideias de Putnam, a princípio, mostra-se de difícil entendimento, talvez devido a alguns equívocos, cometidos e reconhecidos pelo autor, durante sua produção intelectual, que o fez reformular algumas de suas teses ao ponto de se tornar um dos principais críticos do que antes ele mesmo defendia. A dificuldade em se compreender um pensamento autocrítico em constante mudança pode ser um dos motivos pelos quais há tantas interpretações infiéis às suas ideias. Contudo, suas reformulações não se distanciava do realismo.

Uma das questões levantadas pelo realismo, a saber, como se dá a relação entre mundo e linguagem, *a priori*, nos parece sem solução, porém, é frutífera para a maioria dos filósofos. Nesse sentido, ressaltaremos as fases de seu realismo para melhor

¹ Mestranda em Filosofia Prática pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Bolsista CAPES, E-mail: suzana.oliveira46@yahoo.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1137638982130110>

entendimento de suas questões e como forma de não cairmos em interpretações equivocadas sobre este.

Abordaremos brevemente as questões tratadas pelo filósofo na obra *Corda tripla: mente, corpo e mundo*. Esta é dividida em palestras, sendo a primeira palestra a que o autor irá tratar da antinomia do realismo, sendo sobre este assunto desta palestra que iremos nos deter. E para concluirmos, pretendemos fazer uma breve abordagem da última fase de seu realismo, qual seja, o realismo natural.

2. O realismo em Putnam

A primeira fase de seu realismo é o metafísico, isto é, a primeira fase de seu pensamento retém-se aos realismos de senso comum, científico e matemático, que ao se relacionarem, possibilitariam, segundo Putnam, uma certa especificação do mundo. A realidade, em última análise, seria capturada pela ciência, com o aporte da linguagem matemática, independentemente do sujeito. Assim, “uma das características que definem o realista metafísico é sua crença na teoria da verdade como correspondência” (SOUZA, 2015, p. 45).

Em 1976, Putnam rejeita o realismo metafísico por achá-lo limitado por ter, em sua base, a teoria da verdade como correspondência. Nessa perspectiva, a realidade independeria do sujeito. Nesse sentido, o seu realismo metafísico,

(...) é uma doutrina tradicionalmente aceita na filosofia. Tal como freqüentemente entendido, o realismo metafísico é uma doutrina ontológica que se desvincula da epistemologia. Nessa perspectiva defendem-se em especial quatro teses. De acordo com a primeira, é inquestionável a existência de uma realidade completamente independente do sujeito. Essa realidade é constituída por objetos com propriedades intrínsecas a eles. De modo que, de acordo com a segunda tese, uma descrição verdadeira da realidade, do todo ou de alguma parte, deveria levar em consideração as propriedades inerentes a esses objetos que a constituem. A verdade, nesse contexto, de acordo com a terceira tese, é entendida como uma correspondência fiel aos objetos ou fatos como eles são em si mesmos. Isso leva à possibilidade de uma espécie de confrontação entre a realidade e as teorias pretensamente aplicadas a ela (visão do Olho de Deus): quarta tese realista metafísica (SOUZA, 2007, p. 76).

Putnam se contrapõe a essas teses em sua segunda fase intelectual, chamada de realismo interno. De acordo com Souza (2007) existe uma polêmica em torno da aproximação da proposta de Putnam, em sua segunda fase, com o relativismo, que defende, dentre outras coisas, uma verdade relativa de acordo com o entendimento de cada pessoa ou grupo social, sugerindo, assim, que há no conhecimento, na verdade e na racionalidade uma relatividade. Todavia, o mesmo se diferencia, por exemplo, de Rorty, que em seu relativismo radical, não defende a ideia de objetividade do conhecimento.

A polêmica é compreensível. Isso porque as diferentes respostas “verdadeiras” para a pergunta “Quantos objetos há neste mundo?” podem propiciar duas explicações distintas. Por um lado, podem mostrar que a realidade depende, de alguma forma, do sujeito, se for focado o papel desempenhado pelo sujeito na “construção” da realidade. Por outro lado, podem significar apenas que o mundo admite interpretações diferentes, se for focado o papel desempenhado pelo mundo no processo cognitivo. Tanto o primeiro caso como o segundo trariam conseqüências indesejáveis ao realismo interno (SOUZA, 2007, p. 81).

Nesse sentido, nosso filósofo adota seu segundo realismo que é o internalista, no sentido de procurar se distanciar tanto do relativismo, que tem a verdade de acordo com o ponto de vista de cada sujeito, sendo assim, relativa a ele, como do realismo metafísico, apresentado anteriormente. Em seu realismo interno, o mundo é aquilo descrito pelo sujeito, ou seja, o sujeito e a realidade constrói-se de forma mútua, pois é o sujeito que descreve a realidade da forma que a entende.

Salientamos que não é a pretensão do filósofo formalizar a verdade, mas elucidá-la. Assim, para Putnam, uma teoria é tida como verdadeira se ela satisfizer todos os critérios que levem a aceitar uma teoria racionalmente, isto é, que seja justificada idealmente.

O seu realismo interno tem dois sentidos, quais sejam: o “realismo científico” e o “verificacionismo sofisticado”. O fato de o realismo interno ter esses dois sentidos, possivelmente, ensejou interpretações equivocadas de suas ideias e muitas críticas a Putnam.

Destarte, nosso filósofo propõe uma perspectiva realista interna, opondo-se ao realismo metafísico e ao relativismo radical. Seu realismo interno sofre críticas como,

por exemplo, a acusação de ser um relativismo. Contudo, segundo o nosso autor, ao adotar o realismo interno, se tem chances de ser evitado as “antinomias” do realismo metafísico, que admite somente uma descrição como verdadeira, diferentemente, por exemplo, da relatividade conceitual que admite várias descrições da realidade como verdadeiras.

Putnam afirma que não há como falar dos objetos que compõe o mundo sem admitir que sua existência depende, de certo modo, do sujeito. Não é possível estes objetos serem independentes da mente, sendo que a descrição da realidade depende de perspectivas humanas, ou seja, não é possível falar do mundo como ele é, mas como é percebido pelo sujeito cognitivo, não havendo assim, uma verdadeira e única descrição deste mundo como o mesmo é em si, mas várias descrições de como o mesmo é percebido humanamente, sem apelar a algo externo como o que é nomeado pelo mesmo de “Olho de Deus”, que tanto o realismo metafísico utiliza-se.

Não existe a visão verdadeira da realidade. Visões diferentes da realidade podem ser verdadeiras. Isso não significa que todas as visões possíveis da realidade sejam verdadeiras. Existem restrições teóricas e empíricas que filtram as visões mais adequadas da realidade. Diferentes visões do mundo podem ser verdadeiras, mas nem todas as visões do mundo são apropriadas (SOUZA, 2007, p. 89).

O realismo de Putnam descarta a ideia do conhecimento como espelhamento da realidade e da procura da verdade absoluta. O realismo interno procura fechar a lacuna entre objeto e sujeito, sem apelar a algo externo ou sobrenatural, a fim de evitar o ceticismo, o irracionalismo e o relativismo, algo não alcançado pelo realismo metafísico. Não temos acesso ao mundo “noumenal”, mas temos ao mundo empírico, ou seja, é argumentável contra o ceticismo que certo tipo de conhecimento é possível.

O realista interno aposta na possibilidade de termos crenças racionais e métodos racionais na ciência. As escolhas que fazemos, por exemplo, entre duas teorias científicas, não são algo aleatório ou puramente subjetivo. Elas obedecem ao padrão de justificação racional vigente (SOUZA, 2007, p. 89).

Putnam aborda, logo no início do seu texto da palestra “A antinomia da razão”, o fato de se deixar cair no esquecimento as contribuições de outros filósofos por filósofos atuais, todavia, muitas dessas ideias, de certa forma, não se aplicam a atualidade:

Como John Dewey nos teria dito, eles viveram em condições completamente diferentes das nossas e enfrentaram problemas completamente distintos dos nossos – e, de qualquer forma, esse retorno seria impossível. E, ainda que se pudesse voltar, fazê-lo seria ignorar as acertadas críticas que gerações posteriores de filósofos fizeram às posições abandonadas (PUTNAM, 2008, p. 15).

Desse modo, seu objetivo é “(...) demonstrar o que esta compreensão e superação podem envolver mediante um exame da questão metafísica fundamental do realismo” (PUTNAM, 2008, p. 15).

Nosso autor cita a “desconstrução” como uma das posições na qual se refugiam muitos filósofos, assim como também ao “irrealismo” de Godman e o “antirrealismo” de Dummett, devido ao descontentamento com os excessos defendidos pelo realismo metafísico.

Além disso, os filósofos que recuam diante daquilo que consideram ser a perda do mundo, nesses anti-realismos [sic] adotaram noções misteriosas, como “identidade através de mundos metafisicamente possíveis” e “concepção absoluta do mundo”. Hoje, as humanidades estão mais polarizadas do que nunca, e a maioria dos pensadores da “nova onda” celebra nos departamentos de literatura a desconstrução *cum* marxismo *cum* feminismo... enquanto a maioria dos filósofos analíticos celebra o materialismo *cum* ciência cognitiva *cum* mistérios metafísicos acima mencionados. E nenhuma questão polariza tanto as humanidades – e, cada vez mais, também as artes – quanto o realismo, descrito por um dos lados como “logocentrismo” e, pelo outro, como “defesa da idéia [sic] de conhecimento objetivo” (PUTNAM, 2008, p. 16).

As ideias de Putnam, apresentadas nas “Palestras Dewey”, procura buscar, semelhantemente a Dewey, um equilíbrio entre metafísica reacionária e o relativismo irresponsável. Dewey teve influência do pragmatista William James. No tocante ao seu relativismo,

James aspirava a um tipo de realismo em filosofia livre dos excessos das formas tradicionais de realismo metafísico. Isso impediu os filósofos de interpretar James como representante de um tipo de realismo. Já perto do fim da sua vida, William James escreveu uma carta a um amigo onde se lamentava amargamente de ter sido mal compreendido. James escreveu que nunca negara que nossos pensamentos têm de se adequar à realidade para ser verdadeiros, ao contrário do que tinha sido acusado repetidas vezes de fazer (PUTNAM, 2008, p. 15).

Assim, declara Putnam, “Concordo com a crítica de que o mundo é como é, independentemente dos interesses de quem o descreve” (PUTNAM, 2008, p. 16). Há um problema em relação ao realismo tradicional no que diz respeito à definição do objeto em sua totalidade,

[...] é completamente equivocado o ponto de vista largamente defendido (por filósofos analíticos) de que sempre que uso as palavras *todos, alguns, existem, não existem* (os chamados quantificadores) em expressões como “*todos os números*”, “*existem algumas imagens refletidas no espelho*”, *todos os personagens de Moby Dick*”, e não tenho condições de fornecer uma “*tradução*” das expressões problemáticas em termos do vocabulário preferencial dos objetos e conjuntos espaço-temporais, “*comprometo-me*” com a existência de certos objetos (possivelmente “*abstratos*”) (PUTNAM, 2008, p. 20).

Contudo, diz Putnam que

a imagem tradicional de uma realidade que dita de uma vez por todas a totalidade das descrições possíveis mantém *essas* contribuições à custa de perder a *verdadeira* contribuição do pragmatismo de James, o de que a “*descrição*” nunca é uma mera cópia e de que estamos sempre criando novas maneiras de a linguagem poder ser responsável perante a realidade. E é essa contribuição que não devemos rejeitar apressadamente, na ânsia de recuar diante do discurso pouco sensato de James, segundo o qual “*inventamos*” (parcialmente) o mundo (PUTNAM, 2008, p. 22).

Portanto,

A fonte de confusão reside no erro filosófico vulgar de se supor que o termo *realidade* tem de referir-se a uma única supercoisa, em vez de considerar as formas como renegociamos incessantemente – e somos *forçados* a renegociar – nossa noção de realidade a medida que nossa linguagem e nossa vida se desenvolvem (PUTNAM, 2008, p. 23).

Em vista da problemática em torno do realismo relacionado ao “mundo exterior”, nosso filósofo descreve que alguns dos filósofos modernos tinham como tendência o pressuposto de que os objetos mentais são não físicos. A filosofia da percepção, segundo ele, deve ser analisada no sentido de se avaliar quais suas relações com as questões metafísicas e epistemológicas e sua importância em relação a estas. O autor percebe a importância de se ter um consenso acerca da natureza da percepção. Desse modo, nosso autor ressalta o percurso ao qual o levou a essa ideia. A princípio, é necessário, no âmbito de sua filosofia, ser feita uma diferenciação entre a posição mais recente das demais posições que o filósofo defendeu.

Dessa forma, Putnam passa a entender que o problema global do realismo é uma antinomia da razão e é a partir disso que ele irá traçar suas ideias. Nosso autor aborda outra problemática, que está voltada a demonstrar a possibilidade de retornar ao realismo natural, sua terceira, e última grande posição intelectual. Assim, para resolver sua problemática de sua antinomia é que Putnam formula suas ideias sobre o realismo.

Ao contrário do “anti-realista [sic] global” de Dummett, eu não supunha que as proposições empíricas pudessem ser *invariavelmente* verificadas ou falsificadas. Além disso, desde o início eu estava incomodado com a confiança excessivamente “idealista” da posição de Dummett, tal como representa, por exemplo, pelo namoro de Dummett com um anti-realismo forte em relação ao passado, e evitei esse anti-realismo [sic] forte ao identificar a apreensão que um falante faz do significado de uma afirmação não com a capacidade de dizer se ela é verdadeira nessa ocasião ou se é verdadeira em circunstâncias que o falante pode efetivamente provocar, tal como o faz Dummett, mas com capacidades o falante que permitam a um falante suficientemente racional decidir se a afirmação é verdadeira em circunstâncias epistêmicas suficientemente boas (PUTNAM, 2008, 33-34).

Putnam propõe de forma oposta a Dummett, que o mundo nos faz identificar se parecemos estar em uma situação epistêmica ou se de fato estamos. Tal entendimento,

faz conservar o realismo do senso comum.

Mas, embora a necessidade de uma “terceira via” além do realismo moderno inicial e do idealismo dummettiano seja algo que sinto com mais força do que nunca, essa terceira via – como McDowell afirmou repetidas vezes – tem de *eliminar* a ideia de que existe uma antinomia, em vez de limitar-se a reunir elementos do realismo moderno inicial a elementos do relato idealista. Nenhuma concepção que mantenha algo semelhante à noção tradicional de dados dos sentidos pode fornecer uma saída; uma concepção desse tipo vai sempre nos deixar em última análise, diante daquilo que parece ser um problema insolúvel (PUTNAM, 2008, p. 35).

É assim que, em 1990, nosso filósofo novamente faz uma mudança em seu pensamento. Adota o realismo natural inspirado em William James, isso por rever em seu realismo interno que não construímos o mundo, mas que estamos abertos a este. Ao interagirmos com o mundo, este se apresenta a nós. Nesse sentido, o objetivo de Putnam seria entender como se dão as experiências perceptivas.

Em seu realismo natural, Putnam nega suposições de “representações internas”, ou seja, nossas experiências não seriam produto da mente, mas de nossa vivência no mundo. Assim, neste terceiro realismo, o mesmo não admite uma interfase entre mente e mundo, apesar de permanecer o funcionalismo no sentido de entender a mente por meio de suas funções internas e externas, não tendo mais uma ideia de funcionalismo computacional como antes, contudo, o filósofo vai tendo um afastamento desse funcionalismo².

Nesse sentido, as principais características do realismo natural de Putnam são, a abdicação da noção de representação mental e de qualquer outro intermediário entre sujeito e a realidade externa; a rejeição da verdade como correspondência e da verdade como legitimamente racional; o assentimento de que as teorias tem que retrucar diante da realidade, contudo há várias maneiras para esse feito considerando que nenhuma destas são previamente definidas e, por fim, a adoção de que crenças e sentenças depende relativamente da referência e esta, no que lhe concerne, depende de condições

² “Putnam comparou os estados mentais aos estados funcionais ou ‘lógicos’ de um computador: assim como um programa de computador pode ser executado ou exemplificado por qualquer número de configurações de *hardware* fisicamente diferentes, um ‘programa’ psicológico pode ser realizado por diferentes organismos de composições físicoquímicas variadas, e esse é o motivo pelo qual diferentes estados fisiológicos dos organismos das diferentes espécies pode apresentar o mesmo estado-tipo mental” (LYCAN, 2007, p.187).

externas a mente, sendo este o externalismo semântico.

Assim, salientamos que no terceiro realismo do autor, como já mencionado, não há uma intermediação entre mente e mundo, mas uma conexão direta, o diferenciando, desse modo, do realismo metafísico, que concerne no funcionalismo computacional, isto é, em “identificar os estados mentais com estados computacionais do cérebro” (SOUZA, 2015, p. 77) e do realismo interno no qual o autor ainda insiste, mas de forma atenua, no *funcionalismo*. Contudo, Putnam ainda considera o argumento do milagre em seu terceiro realismo, mas sem a dependência de uma noção realista de verdade, como pressupõe o realismo metafísico, assim como também admite a relatividade conceitual, todavia, sem as presunções do relativismo interno. Em suma, o relativismo natural de Putnam oferece a vantagem de assegurar objetividade da qual seu segundo realismo requeria. Nesse sentido, “A dificuldade, por sua vez, é assegurar a objetividade sem incorrer na “fantasia metafísica” de que existe uma totalidade fixa de objetos independentes da mente e auto-identificantes, nos moldes de sua primeira fase, o realismo metafísico” (SOUZA, 2015, p. 82).

3. Considerações Finais

Abordamos o pensamento de um filósofo que em nenhum momento teve algum receio em mudar suas ideias e propor outras ao identificar suas insuficiências a partir de uma profunda reflexão do mesmo. Assim, para entender seu pensamento mais atual, foi visto como indispensável abordar suas teses anteriores, mesmo que de forma breve, para que possamos compreender o conteúdo da palestra 1, intitulada “A antinomia da razão”, da obra *Corda Tripla: Mente, Corpo e Mundo*, que propomos trabalhar sobre a problemática do realismo neste artigo.

Ressaltamos que Putnam teve suas primeiras influências do positivismo lógico até desenvolver sua própria filosofia, na qual defendia as teorias científicas como verdadeiras em seu realismo científico. Em relação a mente, Putnam não era de acordo que os processos mentais se reduzissem ao físico, sendo nesse momento que ele propõe o funcionalismo que faz uma analogia da mente com um computador.

O problema do realismo abordado pelo filósofo em seu texto, está voltada a antinomia da razão. No intuito de resolvê-la, Putnam elabora, a partir de Dummett, o

realismo interno que torna-se a segunda fase do seu realismo, que posteriormente será reformulada e dará espaço ao realismo n/atural, que permaneceu como a última fase do realismo do filósofo.

Destarte, ao longo de sua carreira, o autor fez contribuições nas áreas da lógica, da ética, da teoria política e da filosofia da matemática. Contudo, seu reconhecimento adveio do seu empenho sobre a mente humana. Como já mencionado, este abandonou o positivismo lógico para desenvolver sua própria filosofia e, assim, suas mudanças filosóficas foram constantes, resultantes de profundas reflexões em torno das problemáticas que surgiam em suas teorias, fato que o fez abandoná-las na busca de sanar tais problemáticas e se firmar em sua última teoria, a saber, o realismo natural. Em suma, Putnam contribuiu ao oferecer explicações sobre o uso cotidiano de palavras enquanto significado e verdade e ainda persistiu na importância do uso recorrente que é feito destas em nossas vidas.

Referências

- LYCAN, W. G. Filosofia da Mente. In: BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P (Org.). *Compêndio de Filosofia*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, p. 181-212, 2007.
- PUTNAM, Hilary. *Corda tripla: mente, corpo e mundo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.
- SOUZA, E. A. O realismo interno confrontado com “seus inimigos”. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 30(2): p. 75-91, 2007.
- SOUZA, E. A. *Um estudo do argumento do milagre na defesa do realismo científico*. 2015, 217 f. Tese (doutorado) – Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Recebido em: 08/10/2018
Aprovado em: 15/02/2019